



DIFERENCIAÇÃO E PERSONALIZAÇÃO DO ENSINO PARA SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA PÓS PANDEMIA

Givanildo Melo dos Santos ¹
José Fernando da Silva Alves ²

RESUMO

A pandemia do novo coronavírus (COVID-19) trouxe para a educação grandes desafios a serem enfrentados, agravou as defasagens e desigualdades educacionais e tornou indispensável o desenvolvimento de estratégias e práticas de ensino cada vez mais ajustadas às necessidades dos estudantes para a consolidação de competências requeridas para seu pleno desenvolvimento, como é o caso da personalização e diferenciação do ensino. Na tentativa de entendê-las, este estudo tem como objetivo compreender tais conceitos e sua relevância frente ao cenário atual em que se encontram as escolas no retorno presencial, após longo período de aulas remotas. O trabalho é resultado de uma revisão bibliográfica de documentos e de estudos sobre a temática, que apontam para a necessidade de se estabelecer novas formas de ensinar e atender de maneira equalizada às diferentes realidades enfrentadas em sala de aula.

Palavras-chave: Educação, Ensino, Diferenciação, Personalização

INTRODUÇÃO

Muitos são os estudos que apontam que os estudantes aprendem de diferentes maneiras. Que o modelo formatado para a educação em massa está em xeque e que os sistemas e escolas precisam repensar sobre suas ações e práticas desenvolvidas. Que os professores precisam entender as demandas específicas dos estudantes e desenvolver suas práticas, cada vez mais conectadas com a realidade dos estudantes, necessitando assim, que os mesmos possam empregar novas metodologias, com foco no protagonismo do estudante e em sua formação integral. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que definiu um conjunto orgânico e

¹ Mestre em ciências da educação, gilmellogil@hotmail.com

² Mestre em ciências da educação, jfernandinho2.2@hotmail.com

progressivo de aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo de toda educação básica, também aponta para o desenvolvimento de competências, estas por sua vez, devem ser entendidas como a mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores com vistas à resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

Garantir o pleno desenvolvimento destas competências têm sido um dos maiores desafios da educação escolar nos dias atuais, principalmente no contexto de defasagens e desigualdades existentes em nosso país, agravados em decorrência da pandemia da COVID-19, que obrigou as redes de ensino a suspenderem a educação presencial, a partir de março de 2020, com duração de cerca de um ano e meio a dois anos, variando de região para região.

Os professores precisaram substituir os quadros e carteiras por telas de celular, *tablets* ou notebooks e passaram a utilizar aplicativos para realizarem suas aulas e a partir daí, enfrentaram uma série de problemas e dificuldades. A falta de acesso a equipamentos, ferramentas e recursos digitais, apoio pedagógico e formação de professores, são exemplos desses desafios, enfrentados pela maioria das escolas, além da falta de uma boa conexão com a internet. O cenário atual é preocupante e retrata exacerbada desigualdade educacional em nosso país. Estudantes estão nos anos escolares adequados à faixa etária e, em sua maioria, não apresentam competências exigidas ao ano escolar em que se encontram. A pandemia só piorou o problema que já existia. É urgente o cumprimento das metas do Plano Nacional de Educação e da reformulação de práticas docentes, de se criar ações estratégicas, de ampliar a inserção das tecnologias digitais em sala de aula, de se pensar num modelo híbrido de educação e de firmar um currículo conectado ao mundo real do estudante.

É aí que as palavras diferenciação e personalização viram questão de ordem para minimizar muitas destas dificuldades e estabelecer uma forma de fazer educação de maneira mais equitativa, contemplando o estudante em suas dificuldades e habilidades, favorecendo seu pleno desenvolvimento.

A diferenciação do ensino torna-se um fator chave em meio a disparidade entre os estudantes de uma mesma turma. É a partir dela que o professor estabelece uma nova forma de atender as especificidades dos estudantes, organizando-os em grupos e assim satisfazer os objetivos de cada grupo. Nessa organização, o professor terá times de estudantes envolvidos em diferentes tarefas, adequadas a suas condições. A personalização começa com um aluno, suas habilidades, sonhos e dificuldades e se estende para outros estudantes com interesses e aspirações semelhantes, criando autonomia para se fazer o design do seu aprendizado.

Assim, no o intuito de buscar um maior aprofundamento sobre os conceitos de personalização e diferenciação na educação, na busca por uma ampla compreensão e reflexão para que se estabeleça um ensino cada vez mais conectado a realidade do estudante, que contemple suas necessidades, respeitando suas dificuldades e habilidades, o presente artigo se debruçará sobre concepções apresentadas em livros e artigos e na concepção teórica de importantes autores que abordam a temática,

METODOLOGIA

O estudo trata-se de uma revisão bibliográfica referente sobre as dificuldades enfrentadas na educação pela suspensão das aulas presenciais e personalização do ensino para a educação básica, frente a acentuada discrepância apresentada pelos estudantes com relação a competências necessárias ao ano escolar no retorno as aulas presenciais do pós-pandemia. A análise foi desenvolvida no período de maio a junho de 2022. Respeitando critérios de inclusão, foram selecionados artigos baseados em evidências científicas, artigos com teor empírico foram excluídos. O material coletado foi selecionado visando atender o objetivo proposto pois, faz refletir aos desafios enfrentados por professores e estudantes, com vistas a explicitar o problema e descrever, de acordo com a bibliografia utilizada, formas de trabalho personalizado para superação de dificuldades e assegurar uma educação equitativa.

GIL (1996) expõe que a pesquisa bibliografia é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Sendo assim, pesquisa bibliográfica é a que se efetua tentando-se adquirir conhecimentos a partir da utilização de informações primárias e secundárias, com o objetivo de solucionar problemas.

REFERENCIAL TEÓRICO

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DO SÉCULO 21 NO CONTEXTO DO BRASIL

Segundo dados do (PISA) o Brasil ocupa o 53º lugar em educação entre 65 países avaliados. O analfabetismo funcional de pessoas entre 15 e 64 anos foi registrado em 28% em 2009, de acordo com dados do (IBOPE), 34% dos estudantes que chegam ao 5º ano de escolarização ainda não conseguem ler e 20% dos jovens que concluem o ensino fundamental, não dominam o uso da leitura e da escrita (Todos pela Educação). O Censo Escolar de 2021 contabilizou 46,7 milhões de matrículas na educação básica, distribuídas nas mais de 178,4 mil escolas de ensino básico do país. Em todo o processo de educação ao longo da vida,

especialmente nos anos de formação inicial, um dos grandes desafios dos professores concerne em desenvolver habilidades cada vez mais relevantes e conectadas com a realidade dos estudantes para que os mesmos adquiram as competências necessárias para se colocarem nas demandas do século 21: a autonomia, a tolerância, a responsabilidade, a colaboração, o protagonismo, a criatividade, o pensamento críticos, entre tantos outros, são exemplos disso. A amplitude e a abrangência dessas capacidades e os desafios para sua concretização crescem significativamente quando defrontadas com o cenário atual, especialmente afetado pela suspensão das aulas presenciais, com a implantação do ensino remoto, devido as normas e exigências sanitárias, em virtude do novo coronavírus COVID-19.

As chances de grande parte destes estudantes não atingirem um aprendizado adequado às competências estabelecidas para cada ano escolar aumentaram consideravelmente. O desenvolvimento de uma educação cada vez mais alinhada com as transformações da sociedade e que contemple o estudante de forma equânime é urgente e se torna fundamental para que se possa estabelecer de fato uma educação com qualidade social. Diante disso, a escola precisa cada vez mais explorar as possibilidades que a tecnologia, a vida digital e a conectividade pode propiciar.

Aprender a aprender, dentro e fora do espaço escolar têm assumido cada vez mais relevância na educação contemporânea, carecendo que a escola cada vez mais estimule a busca pelo conhecimento, que se apresenta cada vez mais acessível. A reconfiguração dos espaços presenciais e virtuais e a formação dos professores são itens indispensáveis para o alcance de aprendizagens cada vez mais abrangentes e significativas. A pandemia trouxe essa necessidade, abriu caminhos e desafiou as redes de ensino a se reinventarem. Esse novo contexto exige uma nova forma de organização do modelo educacional, que deixa de ser estável e assume uma dimensão ampla, de tempos e espaços, onde o aprender pode se dar em qualquer tempo e lugar.

Os desafios que se impõem para esta nova educação, atingem a todos que buscam encontrar caminhos para uma participação ativa dos estudantes nos processos de ensino-aprendizagem e a superação de modelos tradicionais de ensino. A educação do século 21 traz a necessidade de um novo olhar, de um olhar diferente sobre a escola e a sala de aula, sobre a dinâmica de aprendizagem, sobre métodos que envolvam participação ativa dos estudantes, dedicada a aprendizagem e não ao ensino, de relação direta com a transformação digital.

Neste cenário, a busca por respostas a perguntas sobre modelos de educação que melhor funcionem e atendam aos anseios dos estudantes e professores tem sido motivo de férteis discussões, tanto na esfera pública, quanto na privada, apontando para a importância de se traçar

novas estratégias que visem a eficácia do aprendizado e promova engajamento dos estudantes, atenda-o de maneira equitativa e que desenvolva seu potencial.

Expandir universos e alargar horizontes, evitando comparativos retrospectivos de tempos atrás é uma das posturas a ser adotada. As transformações tecnológicas impactaram fortemente a maneira como as pessoas se comunicam, interagem, trabalham, se relacionam, aprendem... enfim, a tecnologia mudou a vida das pessoas. Compreender o aluno que se tem, entendendo seus aspectos sociais, culturais e emocionais, assim como suas habilidades e dificuldades em sala de aula torna-se elementos indispensáveis para o sucesso do estudante.

IMPACTOS DA COVID-19 NO ENSINO

No início de março de 2020, as redes de ensino das escolas brasileiras suspenderam suas aulas presenciais. Um novo vírus surgia (SARS-COV-2) e medidas precisaram serem adotadas para minimizar sua rápida disseminação, a exemplo do distanciamento social. Estudantes, professores e funcionários foram enviados para casa. Formas alternativas e emergenciais precisaram ser implantadas para a continuidade do ensino, como foi o caso do ensino remoto, que consiste num modelo educacional não presencial, mediado por vias tecnológicas. Em 17 de março do mesmo ano, o MEC emite portaria nº 343 do Ministério da Educação (MEC) que dispõe sobre o ensino não presencial enquanto durar a pandemia do novo coronavírus COVID-19 para as instituições de ensino superior (BRASIL, 2020).

Com relação a educação básica, foi expedida apenas nota pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) esclarecendo sobre o assunto: a nota datada de 18 de março de 2020, fala da possibilidade da realização de atividades a distância (remota), sendo de responsabilidade dos sistemas de ensino regularizar e organizar as mesmas, revelando assim a falta de uma coordenação nacional por parte do MEC ou do CNE que pudesse assistir de maneira mais clara e objetiva os sistemas de ensino e escolas a desenvolverem suas propostas de ensino remoto mais alinhadas e adequadas, dentro das conformidades pertinentes.

Inúmeros foram os desafios enfrentados por professores, estudantes e famílias. A falta de ferramentas tecnológicas por parte professores e, principalmente dos estudantes, tais como celular ou tablets, assim como de conexão a internet banda larga foram impecílios de muitos. Uma pesquisa realizada em 2018 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.BR), apontou que 33% dos domicílios pesquisados não possuíam acesso a internet, fato que foi comprovado por inúmeros professores durante as aulas remotas. (CETIC.BR, 2018).

Para os professores, também se destaca a baixa ou insuficiente formação em tecnologias educacionais, o que conseqüentemente, dificultou bastante o processo, mesmo que os professores sejam usuários de tecnologias, não garante a “transposição didática”, ou seja, implicando no professor o fazer as transformações necessárias ao processo de ensino e aprendizagem, seja dos recursos a serem utilizados ou sejam do próprio saber (PERRENOUD, 2000, p. 14). Logo se faz fundamental uma formação docente que possibilite o desenvolvimento de competências digital, permitindo assim ao professor, modificar suas práticas pedagógicas e criar didáticas alternativas de uso de plataformas e/ou ferramentas digitais em benefício da aprendizagem. Não se pode negar que, em quase totalidade, os professores da educação básica não tiveram formação ou alguma experiência anterior com o ensino a distância (remoto). O momento foi marcado por inquietações, angústias, estresses e até mesmo desesperança por não saber o que fazer, como fazer e o porquê fazer.

Muitos foram os estudantes, principalmente os de escolas públicas, que durante o período de ensino remoto, tiveram apenas atividades xerografadas, onde as famílias compareciam a escola para pegar um bloco de atividades, quinzenal ou semanal, em alguns casos. Por outro lado, em proporção não menor, pais e responsáveis de estudantes enfrentaram grandes obstáculos para acompanharem os estudantes em casa, em suas atividades. A oferta do ensino nessas condições acentuou ainda mais as desigualdades sociais e educacionais do país. Vale salientar que o ensino remoto fora emergencial e não pode ser confundido com o ensino a distância.

Sobre a Educação a Distância, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) lei nº 9.394/96 em seu artigo seu Artigo 80, estabelece que o “Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”. No tocante ao Ensino Fundamental, a LDB, em Artigo 32, § 4º, que reza que “o ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”. Para o Ensino Médio, o Artigo 36, § 11º diz que “para efeito de cumprimento das exigências curriculares do ensino médio, os sistemas de ensino poderão reconhecer competências e firmar convênios com instituições de educação a distância com notório reconhecimento”. Já em relação a Educação Infantil, não consta artigos que tratem dessa forma de ensino para essa etapa.

A PERSONALIZAÇÃO E DIFERENCIAÇÃO DO ENSINO NA ESCOLA PÓS PANDEMIA

Há algum tempo a personalização do ensino ganha destaque pelo mundo a fora. Ela impactará o futuro dos sistemas educacionais. Frente ao cenário enfrentado pelas escolas brasileiras, especialmente as públicas, após um longo período de suspensão de aulas presenciais, com a implantação do ensino remoto emergencial e levando-se em consideração os grandes obstáculos enfrentados pelas redes de ensino e escolas, é chegado o momento do retorno presencial e com ele e enorme discrepância entre os estudantes de mesma turma, onde há estudantes com uma enorme defasagem de competências exigidas para o ano escolar em que se encontram. Agora é hora das redes de ensino e escolas pensarem juntas sobre como conduzir seus processos com equidade e igualdade de condições de acesso e permanência para todos. É momento de se pensar em modelos pedagógicos que estejam pautados em didáticas inclusivas, que atenda às dificuldades dos estudantes, que potencialize suas habilidades e favoreça o progresso do estudante e sua formação plena. Daí, vários são os caminhos a serem trilhados e os processos a serem concebidos. Surge aí termos como personalização do ensino e diferenciação.

A primeira menção à personalização do ensino foi feita por volta de 1905, a partir da criação do Plano Dalton, por Helen Parkhurst. Na época o plano consistiu na divisão das várias turmas em pequenos grupos que se dedicavam a determinadas disciplinas. Podendo estudar na escola de acordo com seu ritmo, com cooperação dos colegas. O conceito de personalização do ensino tornou-se popular em 1970 com o pedagogo espanhol Víctor García Hoz, ganhando a partir daí várias definições.

Para CORREIA e DIAS (1998) a aprendizagem personalizada consiste em:

O ensino personalizado é algo diferente do ensino individual (um professor um aluno) e do individualista (egocêntrico). A personalização parte do princípio de que cada aluno é um ser único e se realiza numa educação integral, individual e social, adaptada as suas próprias características. (CORREIA; DIAS, 1988, p. 118).

A personalização do ensino, frente a heterogeneidade de sala, torna-se preponderante, principalmente na escola pós-pandemia. É uma demanda do século 21. As estratégias de apoio específico ao estudante, visando a superação de dificuldades e atendimento a suas necessidades torna-se essencial.

Nesta abordagem, o processo começa com um aluno, suas habilidades, sonhos e dificuldades. Ele reconhece, em sala, colegas com interesses, paixões e aspirações semelhantes e tem autonomia para fazer o design de seu aprendizado: escolhe o que estudar, de que forma, com que ferramentas e com qual grupo. No ensino personalizado, as habilidades e competências

dos estudantes são valorizadas. Por isso, as avaliações são baseadas naquilo que o aluno domina e o aluno pode ser convidado a expressar o que sabe por meio de um portfólio. Assim o professor é visto como um facilitador e o aluno é mais responsável pelo que aprende, proativo, protagonista.

A personalização, no entanto, pressupõe que os próprios alunos podem criar, vivenciar e modificar o processo educacional. É a criança quem decide o caminho a percorrer e não faz diferença se ela seguirá o currículo adotado ou não. A personalização está ligada à consciência educacional, à habilidade de aprender sozinho e à seleção do que se deseja aprender. A Educação personalizada não termina na escola e vai além do sistema educacional em seu sentido mais amplo. Ela tem a ver com nossas paixões, vida social, experiências e desenvolvimento pessoal. Tem sido vista como a única maneira de explorar ao máximo o potencial educacional do aluno. O professor é essencial nesse processo. É ele quem apresenta aos alunos a autoconsciência, as ferramentas, dá dicas e mostra o caminho correto (caso o aluno se perca).

A diferenciação do ensino parte de um grupo de alunos com objetivos em comum. As atividades são voltadas a satisfazer as expectativas de cada grupo e, portanto, o professor terá em sala, times de estudantes envolvidos em tarefas diferentes, que ele concebeu e orientou. Neste tipo de aprendizagem, é preciso construir uma relação de confiança entre as partes, para que o professor possa exercer sua liderança com o apoio dos alunos. A avaliação aqui é usada para facilitar a aprendizagem, uma vez que os *feedbacks* dados pelos professores ajudam os alunos a avançarem na construção do conhecimento.

A própria LDB, em suas expectativas de aprendizagem remontam ao significado de personalização da educação, na medida em que as mesmas tem por objetivo o alcance máximo de iniciativa, responsabilidade, compromisso e vida espiritual (ESCOBAR, 1996).

Não se pode negar que o desenvolvimento tecnológico propiciou grandes transformações no mundo, inclusive para os processos educacionais, e, conseqüentemente, permitindo a personalização do ensino. De acordo com GABRIEL (2013), o advento das tecnologias, em especial os recursos *one-to-one* (um a um), permitiram a personalização do ensino, ou seja, aprender em qualquer lugar, no tempo, no ritmo e no interesse do estudante.

Para ESCOBAR (1996) *cada aluno deve realizar-se de acordo com suas potencialidades*. Nesse processo, cabe ao professor mediar a aprendizagem e propor desafios adequados ao estudante e ao fortalecimento de suas potencialidades, respeitando suas dificuldades. O autor ainda afirma que *a educação personalizada localiza-se na escola nova e ativa. Concebe o aluno como o centro de seu processo de chegar a ser ele mesmo*. Assim, o

maior sentido da aprendizagem personalizada é a centralidade no aluno, no seu desenvolvimento pessoal.

De tal modo, é necessário compreender que a tecnologia e a personalização do ensino passam a ser ferramentas importantíssimas para o desenvolvimento integral do estudante a partir da promoção de uma educação diferenciada, que corresponda às necessidades do estudante e o conduza a seu pleno desenvolvimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O período de aulas remotas, apesar de desafiador, permitiu com que a educação não parasse e que a comunicação com os estudantes pudesse, na medida do possível, ser estabelecida. Os educadores sofreram transformações em sua rotina de trabalho assim como no cotidiano escolar. No dia a dia da escola foram incorporados o trabalho remoto, em sua maioria a partir da utilização de aplicativo *WhatsApp* como forma principal de comunicação. As plataformas de reuniões virtuais também ganharam espaço com a finalidade de amenizar os prejuízos ao ensino e manter comunicação entre professores e equipe escolar. A realização de gravação de videoaulas também foi frequente e desafiadora, afinal de contas, gravar um vídeo e fazer as devidas edições não era algo peculiar ao professor, que precisou aprender a “duras penas” sem muitas vezes ter o apoio da escola ou da rede de ensino.

De acordo com o parecer nº 5, de 28 de abril de 2020, do CNE, no que concerne a efetivação das atividades pedagógicas não presenciais se dar por meio de tecnologias digitais ou não. Em ambos os casos ela não alcançou plenamente os estudantes. Gerando assim grandes impactos para a qualidade da educação, promovendo uma acentuada defasagem no ensino. O que se pode constatar é que o cenário da pandemia revelou a emergente necessidade que a sociedade, a escola e a família tem de se reinventar-se. A carência que muitas escolas tem em relação a recursos digitais e a falta de uma internet de boa qualidade. Por outro lado, a falta de disponibilização por parte dos governos de equipamentos tecnológicos para os estudantes foi e é uma grande necessidade. É preciso se firmar políticas de tecnologias educacionais realmente abrangentes para todas as escolas.

Várias são as pesquisas existentes que apontam para a necessidade da inserção das tecnologias na sala de aula e isso vai além de aulas reproduzidas em data-show e sim de processos amplos, de formação de professores, de preparação de ambientes, de disponibilização de equipamentos, de ferramentas e plataformas digitais.

É necessário também se pensar na reorganização curricular e nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores. É preciso refletir sobre os processos e analisar detalhadamente e profundamente seus impactos. Não se pode desenvolver ações diárias em sala de aula negligenciando os estantes que apresentam dificuldades. Manter uma prática uniforme não abarcará a todos. É preciso se estabelecer uma educação verdadeiramente inclusiva, que atenda o estudante, acolhendo suas dificuldades e que passa o conduzir a superação das mesmas.

Para isso se faz necessário personalizar o ensino de maneira a propor aos estudantes desafios adequados ao seu nível e dispor de diversas estratégias para que o mesmo desenvolva as competências estabelecidas para a formação plena do estudante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo preliminar, fez-se notório os impactos que a pandemia da COVID-19 causou na educação, evidenciou e agravou as desigualdades sociais e educacionais do país, promovendo uma acentuada discrepância entre os níveis de aprendizagem dos estudantes. As realidades foram das mais diversas: estudantes que durante todo o tempo de suspensão das aulas presenciais não participaram da educação escolar seja por não dispor de equipamentos tecnológicos e/ou conexão à rede de internet de qualidade ou pelas as famílias não comparecerem as escolas para pegar atividades impressas, sejam pelos mais diversos motivos; estudantes que acompanharam as atividades remotas e não conseguiram plenamente desenvolver as habilidades trabalhadas; estudantes que conseguiram um bom desenvolvimento das aprendizagens, conseguindo alcançar as competências propostas para o ano escolar. Em todos os casos, não houve retenção e todos avançaram os anos escolares, independentemente de sua participação ou não. Houve progressão automática.

Assim, com base nos estudos realizados e no cenário que se encontram a maioria das turmas, faz-se necessário a implementação de formações para os professores voltadas para a utilização de ferramentas tecnológicas no ensino, metodologias ativas de aprendizagem e práticas pedagógicas voltadas para personalização do ensino. Tão importante como, vem a necessidade das unidades escolares se equiparem com equipamentos tecnológicos como por exemplo *tablets* e dispor de ferramentas digitais assim como de uma boa conexão com a internet para favorecer uma educação cada vez mais tecnológica, personalizada e inclusiva, voltada para as competências dos estudantes na educação do século 21. Espera-se que este estudo sirva de

motivação para a realização de outras abordagens e pesquisas que possam contribuir para a qualidade da educação no país e redução das dificuldades de aprendizagem dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 21 dez. 1996. Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> acesso em 15/06/2022.

_____, Ministério da Educação. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Disponível em: Acesso em 8 de julho de 2020.

CETIC.br. TIC Kids Onlins Brasil: pesquisa sobre uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil 2016. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017.

Disponível em

<http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_KIDS_ONLINE_2016_LivroEletronico.pdf> acesso em 15/06/2022.

CORREIA, A. P. S.; DIAS, P. A evolução dos paradigmas educacionais à luz das teorias curriculares. Revista Portuguesa de Educação, 11 (1): 113,122 1998. Braga: Universidade do Minho. Disponível em

<www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/51192/R%20-%20E%20-%20VERA%20DE%20JESUS%20LIMA%20CHICORA.pdf?sequence=1> acesso em 17/05/2022.

ESCOBAR. A.V. Prática da educação personalizada. São Paulo: Loiola, 1996.

GABRIEL, M. Educ@ar: a (r)evolução digital na educação. São paulo: Saraiva, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1996.

PERRENOUD, P. Avaliação: da excelência à Regulação da Aprendizagem - Entre duas Lógicas. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.